

Margem de erro.

Toda vez que o mundo nos desafia com sua problematica dura e perfida para refletirmos, comecemos por procurarmos por palavras. Por exemplo: estou sendo desafiado pelo problema do terrorismo para refletir, porque nao posso aceitar sem critica as informacoes divulgadas a este respeito, e porque desconfio tratar-se de problema importante para a comprensao da atualidade. Ora, os meios de comunicacao tendem a rotular os terroristas de "marginais", ("out-laws", "hors-la-loi"), o que sugere tratar-se, no problema, de questao da relacao entre centro e margem. Como eu proprio sou "marginal", (nao me enquadro bem nas categorias que classificam a sociedade), como minha origem etnica e "marginal", (sou judeu), e como vivi grande parte da minha vida em sociedade "marginal", (no Brasil, situado a margem do Ocidente), a questao da relacao entre centro e margem me toca de perto. A primeira coisa que vou fazer e consultar dicionarios, para ver o que dizem a respeito de "margem". Dicionarios sao instrumentos destinados a procura de palavras. Eis a razao porque escrevinha de quem procura refletir esta cercada de dicionarios de varios tipos.

Ha, grosso modo, tres tipos de dicionario: o "lexico", o qual propoe definições dos significados de palavras; o "etimologico", o qual procura desenterrar as raizes das palavras; e o "bilingue", o qual propoe equivalencias entre as palavras de duas linguas. Nao conheco muitos jogos tao apaixonantes quanto o que combina estes tres tipos de dicionario, nem muitos jogos tao divertidos. No decorrer do jogo os significados das palavras se desdobram, se sobrepoem um ao outro, e se contradizem, e as raizes das palavras se confundem e se entredevoram. O jogo revela a sabedoria acumulada nas linguas, e a nossa ignorancia quanto a tal sabedoria. O efeito do jogo sobre a mente e que o pensamento, o qual originalmente entrou os dicionarios para buscar palavra que de corpo a determinada reflexao, se ve invadido por multidao de palpites de proveniencia incontrollavel. Entrei no jogo com o proposito de buscar "margem", para dar corpo a minha reflexao a respeito do terrorismo, e eis-me cercado por "marqueses", pelo "literatura dos marginalia", pelo "marco Brandenburg", pela teoria dos conjuntos, pelo calculo de probabilidades, e pela filosofia existencial, (para nomear apenas alguns entre os invasores que reclamam, todos, o direito de falar sobre terrorismo).

Devo resistir a tal solicitacao, embora seja ela sedutora. Acaso nao seria interessante considerar os raptos de refens no Libano especie de marqueses, ou querer resolver os atentados em Paris por calculo de probabilidade? Devo resistir, porque dicionarios nao sao fiaveis, (sao produtos da nossa ignorancia quanto a sabedoria armazenada nas linguas). Jogo portanto fora os marqueses e os calculos, (nao os jogo na lata de lixo, mas os ponho entre parenteses, para de la recupera-los, se necessario for, mais tarde), e concentro-me sobre a margem. O que me dizem os dicionarios a este respeito? Que "margem" em alemao se chama "Rand", em ingles "margin", que "margin" em alemao se chama "Spielraum", e que "Spielraum" em ingles se chama "margin of error", o qual por sua vez em alemao se chama "Unbestimmbarkeit", e em portugues "indeterminabilidade". Ora, pelo caminho curto, "margem" significa algo como "final", portanto "termo", o que sugere que "termo", pelo caminho longo, passa a sinonimo de "indeterminabilidade".

Pois bem: posso, por certo, considerar tal experiencia comica como prova da ignorancia que inspira os dicionarios, (todas essas Encyclopaedias Britannicas, Larousses, Langenscheids), mas posso igualmente tomar attitude oposta. Que tal se, precisamente quando os dicionarios se confundem, o poder da palavra se revelasse? Se "margem" significa simultaneamente "termo" e "indeterminabilidade", nao seria isto bom ponto de partida para eu refletir sobre ela? Volto pois, enriquecido por tal descoberta comica, a consulta dos dicionarios quanto a "margem". Ai descubro que os dicionarios, cada qual a sua maneira, distinguem entre pelo menos tres tipos de "margem", "margin", "marge" ou "Rand", e que, supostamente, algo no universo significado pelas palavras nos dicionarios deve corresponder a esses tres tipos. O primeiro tipo e especie de linha que separa duas regioes, e pode ser chamado de "limite" ou "fronteira". O segundo tipo significa terreno no qual duas regioes se confundem, e pode ser chamado de "zona cinzenta". O terceiro tipo significa algo como a parte de mancha de tinta em vias de ser absorvida por mataborrao, e pode ser chamado de "margem de erro". Os nossos avos se interessavam sobretudo por margens do primeiro tipo: "definiam". Quanto a nos, estamos mais interessados em zonas cinzentas e margens de erro.

Se aceitarmos a distincao entre os tres tipos de "margem" como fato, (isto e: se de fato podemos distinguir, no mundo, margens definidas de margens confusas e de margens indeterminadas), isto deve se refletir nas imagens que representam o mundo. Tomemos como exemplo um mapa politico do globo, tal imagem que representa um aspecto restrito do mundo. Verificaremos que as varias regioes do globo, tomadas enquanto "estados", se encaixam uma com a outra sem brechas, que as margens dos estados sao do tipo "fronteira", e que portanto nao ha marginais politicos, (se por "marginal" entendermos "habitante de margem"). No entanto, se olharmos o mapa politico com mais atencao, descobriremos algumas zonas cinzentas, (regioes contestadas por dois ou mais estados), e algumas margens de erro, (sobretudo em torno da Antartida), e que sao precisamente tais margens pouco numerosas que sao as mais interessantes. Ora, mapas politicos sao instantaneos que captam apenas um unico momento daquele processo chamado "historia politica", e os mapas atuais podem ser comparados com mapas precedentes, para que possamos visualizar a dinamica daquele processo. Se compararmos um mapa atual com mapa barroco, (por exemplo), verificaremos que no seculo 17 havia numerosas margens de erro, (lugares brancos no mapa), sobretudo na Africa, na America, e na Asia central, e que havia numerosas zonas cinzentas, (sobreposicoes de estados), sobretudo na Europa. Deve ter havido muito marginal em tais situacoes passadas, muito descobridor e missionario nas margens de erro, muito mercenario e transfuga nas zonas cinzentas. Como se explica que a cena politica se "fechou", que as margens se definiram, que a cena politica se tornou tao pouco interessante? Sera que a historia politica e processo que tende a absorver marginais ao definir margens?

Consideremos dois exemplos da historia politica, para observarmos tal tendencia definidora de margens: o Imperio Romano, e a Conquista do Oeste. O Imperio era mancha de tinta sobre o mataborrao chamado "Velho mundo", e suas margens borradas tendiam a espalhar-se, ate que seja construido o "limes". A sociedade Ame-

ricana era mancha de tinta sobre o mataborrao chamado "America do Norte", e suas margens borradas tendiam a espalhar-se, ("go West, young man"), ate esbarrarem contra o Pacifico. No primeiro caso, a definicao da margem de erro em fronteira se deu por esgotamento da tendencia historica, no segundo caso se deu por esgotamento de oportunidades. Sera que o mapa politico atual, com suas fronteiras bem definidas, contem relativamente tao poucos erros por termos esgotado a nossa historia politica, ou por termos esgotado as oportunidades de nos espalharmos politicamente, ou por coincidencia dos dois fatores? Sera que o fato de termos praticamente todos "nacionalidade" bem definida, de sermos praticamente todos politicamente pouco interessantes, e prova do nosso esgotamento?

Reflitamos sobre as margens de erro na Antartida, esses pouco numerosos lugares brancos no nosso mapa. Esses ultimos refugios de aventura. Serao eles efetivamente brancos, ou nao serao eles cinzentos? Zonas nas quais politica se confunde com geografia? Ao avancarem os estados Antartida a dentro, esbarram eles contra pinguins, e nao contra germanos, indios ou negros. A aventura nao e politica, se por "politica" entendermos "relacao intersubjetiva". A menos que os pinguins sejam assumidos por nos como sendo "sujeitos". O que imediatamente propoe a seguinte pergunta: sera que os Romanos tomaram os Germanos por pinguins, os Americanos os indios, e os descobridores da Africa os negros? De modo que a expansao do Imperio e da America nao avancou rumo a margens de erro politicas, mas rumo a zona cinzenta entre politica e geografia? E os Germanos e indios, nao tomaram eles os Romanos e Americanos por pinguins, afinal das contas? E quanto aos pinguins, nao tomam eles as expedicoes americanas e russas por migracoes de aves? De maneira que a diferenca entre margem de erro e zona cinzenta nao seria senao diferenca de atitude? Como se ve: o problema do terrorismo comeca a delinear-se: os terroristas sao nossos marginais e/ou nossos pinguins, e nos somos os marginais/pinguins dos terroristas. No entanto: refreemos por um instante esta linha de pensamento, e concentremo-nos ainda um pouco sobre as margens de erro.

Os mapas politicos sao imagens de apenas um unico aspecto do mundo. O mundo tem numerosos, (possivelmente infinitos), aspectos, e a todo aspecto corresponde determinada imagem. Ora, se admitirmos que ha tres tipos de margem, isto deve valer para todo tipo de imagem. Todas essas imagens, (sejam elas astronomicas, fisicas, biologicas, psicologicas ou nao importa quais), devem pois conter fronteiras, zonas cinzentas, e margens de erro. Na medida em que as fronteiras prevalecem nelas, sao elas pouco interessantes, por serem elas imagens de aspectos esgotados, e na medida em que contem elas zonas cinzentas e margens de erro, sao elas empolgantes. Em outros termos: imagens bem definidas servem para gente chata, e imagens cheias de zonas cinzentas e margens de erro servem para marginais, (aventureiros). O mapa politico atual do globo talvez seja uma das imagens do mundo mais chatas. Muito mais empolgante e a imagem do aspecto biologico do mundo, (por exemplo), no qual ainda e possivel "go West, young man", e no qual o Imperio ainda nem comecou a consryuir o "limes". Antes de aconselharmos aos terroristas de se engajarem em biologia emvez de politica, consideremos o seguinte:

Se admitirmos que ha tres tipos de margem, isto deve valer nao apenas para todas as imagens que representam o mundo, mas igualmente para as relacoes que as varias imagens mantem uma com a outra. Deve haver que se encaixam uma com a outra sem brecha, outras que se sobrepoem uma a outra, e mais outras cujas margens se borram. A nossa visao universal, ("Weltanschauung"), deve conter fronteiras, zonas cinzentas, e margens de erro. Por certo: as proprias visoes universais sao multipas, (talvez tao numerosas quanto sao numerosos os observadores do mundo), e o problema dos tres tipos de margem deve aplicar-se igualmente a relacao entre elas. Deve haver cosmovisao nitidamente diferente da minha, outra que se sobrepoee a minha, mais outra com a qual a minha nao tem contacto. No entanto: ha determinada cosmovisao que se quer "objetiva", (comum a todos os observadores), a oferecida pelas ciencias exatas. Ora, se compararmos tal cosmovisao com as precedentes, (como se fosse ela instantaneo do tipo "mapa politico"), verificaremos que a tendencia e exatamente oposta a dos mapas. A cosmovisao do seculo 17, (quando havia tanta margem de erro e tanta zona cinzenta nos mapas), era imagem bem definida. Havia regioa da fisica, da biologia, da psicologia, e havia fronteiras nitidas entre elas. Na cosmovisao atual todas essas regioes, (e outras), se sobrepoem uma sobre a outra, e se borram. O que sugere o seguinte: quanto melhor definido determinado aspecto do mundo, tanto mais confusa e borrada a visao do conjunto no qual o aspecto se insere. A aventura se desloca do aspecto para o conjunto de aspectos. Seria isto conselho aos terroristas: emigrem, por favor, da zona politica, nao para a biologica ou qualquer outra zona, mas para o conjunto de zonas?

O conselho nao e bom, (e "cinico", diriam os terroristas), pela razao seguinte: quanto mais zonas cinzentas e margens de erro contiver determinada cosmovisao, (como a das ciencias exatas), tanto menos serve ela para acoes decisivas sobre o mundo. Quem quizer agir sobre o mundo afim de modifica-lo, deve dispor de cosmovisao bem definida. Deve poder distinguir bem entre as varias regioes do mundo, e sobretudo entre os valores. Deve ele saber sem duvida qualquer o que e "bom", o que e "ruim", o que esta "certo", e o que esta "errado". Quem chamar a atencao de pessoa engajada em nem importa que acao decisiva, (e sobretudo de terrorista), que ha margens de erro, esta querendo impedir que o mundo seja efetivamente alterado. Deve ser impiedosamente eliminado, (seja enquanto adversario, seja enquanto pinguim, pouco importa). Nao ha nem zona cinzenta nem margem de erro entre tal conselheiro e terrorista: ha nitida fronteira. Porque a cosmovisao de terrorista nao comporta outra margem a nao ser fronteiras.

No entanto: o terrorismo nao esta sendo combatido por conselheiros, mas pela policia, (guarda de fronteiras), e as pessoas que sao explodidas pelas bombas nao sao conselheiros, mas gente do outro lado da fronteira. O combate nao e entre quem nao admite fronteira e quem a admite, mas entre opositores. A razao porque o conselho de admitir a existencia de margem de erro e cinico parece ser esta: a enorme maioria da humanidade e "bem-pensante": na sua cosmovisao ha fronteiras, com raras zonas cinzentas e margens de erro. Terrorismo e oposicao entre duas cosmovisoes, ambas do mesmo tipo. O conselheiro procura chamar a atencao sobre as Antartidas